



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 16

ROMILDO E
DENISE SCHARDOSIM

Laércio Meirelles

janeiro, 2018



janeiro, 2018

Romildo e Denise Schardosim



A história de Denise e Romildo Schardosim na Agricultura Ecológica difere um pouco de outras. Não é uma história de quem perdeu dinheiro com adubos e venenos caros, frustrações de preços e consequente crise econômica. Pelo contrário, durante alguns anos eles foram muito bem sucedidos como produtores de tomate convencional.

Bem sucedidos, ao menos do ponto de vista econômico. Produziam e vendiam bem, trabalhando em terras arrendadas. Foram várias safras. Mas, ainda que do ponto de vista econômico tudo funcionava, eles seguiam com o sonho de se livrarem dos venenos. É que, apesar do sucesso econômico, a saúde andava mal.

Romildo conta que vivia doente. Tinha muitas dificuldades para dormir. Constantemente ia ao hospital fazer soro, pois sentia enjoo e dores de cabeça. Prometia a si mesmo e comentava com a esposa que, quando adquirissem a própria terra, nunca mais usariam veneno.

O primeiro filho do casal, Vitor, nasceu em 2000. Com apenas seis meses apresentou sérios problemas de pele, uma alergia que tomava conta de todo o corpo.

Em dada ocasião, vendo o filho com apenas um aninho, corpo inchado e passando dias no hospital, eles tomaram a decisão de ir para a terra que recém haviam

adquirido e abandonar o uso de agrotóxicos.

Denise:

— *O Vitor não ia na roça nunca. Mas acho que, quando chegávamos com cheiro de veneno, ou com nossas roupas sujas, ele acabava sendo afetado e sentia-se muito mal.*

— E o que aconteceu quando vocês foram para a terra nova e largaram os venenos?

— *A saúde de todos nós melhorou muito e o Vitor nunca mais apresentou aquele problema de pele.*

Romildo:

— *Financeiramente fomos bem com o tomate. Não era esse o problema. O que adiantava ganhar dinheiro e não ter saúde?*

Romildo nasceu em 1969, Denise em 1975, cada um em uma comunidade do município de Dom Pedro de Alcântara, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, a 170 quilômetros de Porto Alegre. Descendentes de famílias agricultoras, casaram-se em 1995 e foram morar em uma casa, segundo eles, bem simples, perto dos pais da Denise.

Recém casados, decidiram sobreviver plantando tomate e, eventualmente, pimentão. Arrendavam as terras e plantavam com todo o artefato tecnológico preconizado pela dita ciência agrônômica. Sementes híbridas, fertilizantes de alta solubilidade e veneno. Muitos venenos.

Como já sabemos, economicamente foi bom. O casal realizou o sonho da terra própria e adquiriu 8 hectares na comunidade Mata Boi. Sonho da terra realizado, começaram a busca do outro sonho: livrarem-se dos venenos.

— *Estávamos no limite com o veneno, mas nos preocupávamos se seria possível sobreviver só na Agricultura Ecológica. O episódio com o Vitor foi definitivo para essa decisão.*

Pergunto e fico sabendo que a primeira vez que Romildo ouviu falar na Agricultura Ecológica foi quando, ainda solteiro, foi a Caxias do Sul participar de um curso promovido pela

Pastoral da Juventude Rural (PJR). No curso, organizado pelo padre Remi Casagrande, uma das atividades foi visitar um agricultor de Antônio Prado, município pioneiro na Diocese de Caxias do Sul no trabalho com Agricultura Ecológica. Romildo não recorda o nome da família, mas ficou impressionado com a horta que viu e prometeu a si mesmo que um dia trabalharia dessa forma.

— *A semente ecológica ficou plantada na minha cabeça.*

Romildo não lembra, mas eu sim. Conduzi a visita e os levei para visitar o Gilmar Belle, membro da Associação dos Agricultores Ecologistas de Ipê e Antônio Prado (Aecia).

Quando finalmente compraram a terra, foram, ao mesmo tempo, preparando-a e buscando informações. Segundo eles, um curso de Princípios Básicos de Agricultura Ecológica, no Centro Ecológico, foi muito importante para se capacitarem. Assim como a troca de informações com outros agricultores que já estavam trabalhando há mais tempo com esses princípios.

Romildo e Denise referem-se às suas duas principais dificuldades no início do trabalho. A primeira era o solo. Afirmam que estava muito degradado. No primeiro ano, plantaram cenoura e beterraba. Nem germinou. Milho nasceu, mas não se desenvolveu, não produziu. A única coisa que colheram foi aipim. Optaram por semear adubação verde.

— *Foi quando aprendi que tinha que começar arrumando a terra. Fiz adubação verde com mucuna preta no verão e aveia no inverno. Usei, também, calcário e esterco e assim fomos melhorando nosso solo.*

No ano seguinte, com a terra um pouco mais estruturada, plantaram 3 mil pés de pimentão. A colheita foi razoável, mas as vendas não corresponderam. Aprenderam que a diversificação e o escalonamento são fundamentais, tanto para manter um maior equilíbrio biológico na lavoura, quanto para ter a feira como seu principal meio de comercialização.

A segunda dificuldade era os familiares e vizinhos. Sempre

lhês diziam que perderiam tudo o que haviam conquistado se não usassem venenos. A sogra do Romildo pedia para ele não deixar sua filha passar fome.

— *Eles não entendiam minhas ideias. Nem a família nem a comunidade entendiam minhas ideias.*

O casal fez um longo trabalho de recuperação do solo e, em dois anos, a produção era suficiente para manter bem a família. Em novembro de 2002, conseguiram participar, pela primeira vez, da feira em Porto Alegre. Levaram só banana. As primeiras produções da horta foram todas vendidas na comunidade mesmo, para os vizinhos. Depois começaram a vender em Porto Alegre. Naquela época, através da Associação dos Agricultores Ecológicos de Dom Pedro de Alcântara (Aepa). Eram 15 famílias. Com o tempo a Associação se desfez, mas quase todas as famílias seguiram trabalhando na Agricultura Ecológica.

Conheço o trabalho que a família desenvolve há anos. Considero seu manejo de solo muito bem feito. Padrão. Aplicam um princípio que julgo fundamental em um solo bem manejado: elegância no trato com a vegetação espontânea, também conhecida, ao meu juízo, equivocadamente, como ervas daninhas.

— Romildo, sua lavoura está sempre “suja”?

— *Parece, né? O que faço é limpar até a planta se desenvolver, se é uma planta que sei que precisa muito de sol, a mantenho limpa até quase a colheita.*

A ideia de um canteiro de horta “sujo”, “com muito inço”, é o que julgo ser o ponto crucial para o bom manejo ecológico de uma horta. Ao mesmo tempo, é o de mais difícil aceitação pelas famílias agricultoras. As variáveis de manejo da vegetação espontânea são muitas, dependendo da espécie cultivada, do solo, da exposição em relação ao sol, da disponibilidade de água. Mas, grosso modo, posso dizer que em uma horta o cultivo deve ser mantido relativamente limpo até cerca de

30% do seu desenvolvimento.

Grãos como milho e feijão aceitam bem esse manejo, guardadas eventuais dificuldades na colheita desse último. Masanobu Fukuoka, o mestre Japonês da Agricultura Natural, preconiza em seu livro, “A Revolução da Palha”, coisa semelhante a partir de sua experiência com arroz irrigado. Fukuoka afirma que um agricultor, muitas vezes, trabalha para corrigir erros do seu trabalho anterior. Usando o princípio do Taoísmo da não-ação, ele preconiza uma agricultura da não-ação. Para o Taoísmo, não-ação significa “abstenção de ação contrária à natureza”. O manejo inteligente da vegetação espontânea é uma forma de não agir, ou minimizar ações, no sentido contrário do proposto pela natureza. A prática tem inúmeras vantagens. A vegetação espontânea irá produzir massa. Essa massa verde será utilizada como alimento pela vida do solo, que irá disponibilizar nutrientes químicos e, mesmo orgânicos, para os próximos cultivos. O trabalho realizado pela raiz do dito inço será, após sua decomposição, estruturar fisicamente o solo ao criar canais de circulação e retenção de ar e água.

Deve ser valorizada, também, a possibilidade das raízes de diferentes “inços” retirarem diferentes nutrientes do solo. Tanto em função da profundidade que atingem quanto pela capacidade inerente a cada planta de absorver diferentes nutrientes. Quando essas plantas terminarem seu ciclo e se decomporem, esses diferentes nutrientes estarão disponíveis e serão devidamente aproveitados pelo cultivo comercial. A pergunta que surge é sobre o quanto esses inços irão competir em água, luz e nutrientes com o cultivo econômico.

Por essa razão, falamos em manejo com elegância. O agricultor deve estar atento a esses três componentes e trabalhar de maneira a garantir que o cultivo comercial seja privilegiado no acesso a esses elementos fundamentais para a vida e, por consequência, para uma boa colheita. Vou repetir. Em 30 anos de trabalho nessa perspectiva, com boa parte do tempo visitando

famílias produtoras e dialogando com elas sobre Agricultura Ecológica, vejo esse elemento de manejo tão fundamental quanto de difícil aceitação.

Uma parte dessa dificuldade atribuo à colonização de origem europeia. A pouca incidência do sol, em latitudes consideráveis e de chuva moderada, na Europa, pressupõe um manejo com poucas espécies de plantas por unidade de área. Talvez nessas condições, digo, um cultivo limpo, durante todo o ciclo, se justifique. Em ambientes tropicais e subtropicais, um manejo com maior número de espécies por unidade de área pode ser mais indicado e eficiente.

Mas a cultura do “limpo” ainda se mostra muito forte para a maior parte das famílias agricultoras. Para deixar a vegetação espontânea conviver, sempre com inteligência, com seu cultivo principal, o agricultor tem que superar não só a cultura e percepção de que limpo é melhor, mas, também, uma pressão social.

— *No começo, ouvi muito do sogro que eu não ia sustentar sua filha com estas lavouras sujas. Aqui mesmo, na comunidade, ainda somos meio excluídos, porque trabalhamos de uma forma diferente.*

Romildo conta que jovem, quando viu uma lavoura ecológica em Antônio Prado, sua atenção foi despertada pelo manejo de convivência entre a vegetação espontânea e o cultivo principal. Também ouviu sobre isso no curso que fez no Centro Ecológico. Com muito serviço e pouco tempo para manter toda a lavoura limpa, foi experimentando deixá-la mais “suja”.

Com o tempo, aprendeu o equilíbrio ideal na convivência entre mato e cultivos em suas condições de solo e clima.

— *No início eu limpava muito mais. Ai eu fui vendo que não havia necessidade de limpar tanto, vi que o mato ia me ajudar.*

Denise fala, rindo:

— *Nossas lavouras são assim, um chafurdo, tudo bagunçado, misturado, colhemos algo e a área já vira capoeira!*

Para quem observa uma das áreas da família, pelo ângulo da estrada que passa na propriedade, pode se confundir entre onde há cultivo comercial e onde é só mato. Eles, frequentemente, ouvem dos vizinhos que tudo está sujo, parece abandonado, “coisa de relaxado”.

Além do manejo do mato, eles demonstram uma especial atenção com a rotação de cultivos. Nunca repetem a mesma cultura no mesmo local. Nos anais da história da agricultura é uma técnica anotada como uma das que propiciou a denominada “segunda revolução agrícola”. O casal afirma e reafirma que todo o esforço que fazem é sempre para ter uma boa terra, continuando sua recuperação.

Posso resumir o manejo de solo da família Schardosim assim: rotação incluindo momentos de pousio (períodos em que a terra “descansa”, só com as plantas que nascem naturalmente), pouco revolvimento do solo, esterco e pós de rocha em período inicial de recuperação, convivência dos cultivos com o mato.

Ao longo dos anos, com o trabalho deles na Agricultura Ecológica, puderam comprar mais terras. Hoje são donos de 18 hectares entre bananal, hortas, cultivos como cúrcuma, yacon, gengibre, inhame, aipim e milho, dentre outros. Essa área é grande para a força de trabalho que eles têm, ainda mais nesses últimos anos com o Vítor, o primeiro filho, estudando fora.

Romildo conta que Vítor, recém formado em técnico agrícola, veio do colégio querendo fazer análise de solo. Não posso deixar de sorrir e pensar na importância que se dá nos cursos de Agronomia à análise química do solo. E do orgulho que eu tinha em saber interpretá-la! Hoje, penso que a observação atenta do solo e sua vegetação gera muito mais informações do que essa análise, que assemelha-se a uma fotografia desfocada de um carro em alta velocidade. Enfim, para os padrões de interpretação normalmente utilizados, as análises químicas feitas nas terras da família Schardosim, demonstraram que os solos estão bem do ponto de vista da

disponibilidade de nutrientes.

— *As duas áreas que manejo há mais tempo estão praticamente perfeitas. As duas mais novas, um pouquinho pior, mas, segundo a análise, também não precisam de nenhum fertilizante.*

Pergunto ao Romildo sobre insetos ou doenças nas suas hortas.

— *Muito pouco. Têm, sempre têm, mas incomodam pouco. No começo eu pulverizei muitas coisas: alho, pimenta, biofertilizantes. Com o tempo, aprendi que o negócio era equilibrar a terra.*

Ele completa que, em alguns anos, não precisará pulverizar nada. Às vezes, usa algum controle biológico, como *Bacillus thuringiensis* e, eventualmente, calda sulfocálcica.

— *Não me importo com certas perdas, os bichos têm que comer um pouquinho também, né?* - diz Romildo, sorrindo.

Volto minha conversa ao Vitor. Ele conta como foi sua experiência na escola, no Instituto Federal Catarinense, campus Santa Rosa do Sul, no Sul de Santa Catarina, onde esteve de 2015 a 2017. Gostou, aprendeu sobre o funcionamento das plantas, das lavouras e dos solos. Comenta ainda que não sentiu muita pressão por aprender e valorizar os agrotóxicos.

— *Esse assunto aparecia nas aulas, mas não muito* – diz ele.

— Pensa em seguir os estudos, Vitor?

— *Não.*

— Por quê?

— *Não vale a pena. Se eu estudar cinco anos de Agronomia não vou aprender o que vale esse tempo.*

Ele complementa, sereno:

— *Se preciso de alguma informação, posso buscar nos livros, na Internet.*

Pois é, parece que ensinar em um mundo com informação livre, gratuita, amplamente disponível é um desafio que as escolas de todos os níveis ainda não estão aptas a superar.

— Você gosta de ir à feira?

— *Gosto muito, vou sem preguiça.*

— *Vai gostar mais agora, vou dar 20% do movimento bruto para ele, vai ser como um salário, já que agora é técnico e escolheu ficar conosco* – diz o pai.

Pergunto ao Vitor se isso o motiva mais.

— *Acho que não. Gosto do trabalho. Ganhar estes 20% é bom, mas não acho que me motiva mais.*

Vitor há uns cinco anos fez um blog sobre o trabalho da família. Eles têm também Facebook e Instagram. Pergunto sobre essa presença nas mídias:

— *Parei, não vale o esforço, nosso problema não é a venda, é a produção. Temos pouca mão de obra.*

— E quer sair daqui?

— *Não, gosto da roça, de morar e trabalhar aqui. Posso mudar de ideia, sempre pode acontecer, mas acho que daqui não saio.*

Trabalho em harmonia dentre os membros da família e, desses, com a natureza, sucesso econômico e satisfação pessoal através de uma agricultura simples, baseada em fotossíntese e informação. Tiro o chapéu para a família Schardosim.

